



REPENSANDO O GENERAL GÓES

L.P. Macedo Carvalho

Extraído da conferência proferida, pelo autor, no Arquivo Histórico do Exército, em 14 de dezembro de 1989, na reunião da Comissão de História do Exército, tendo como tema o centenário de nascimento do General Aurélio de Góes Monteiro.

Ressalta a figura humana do homenageado, de atuação marcante no cenário nacional dos anos 30 a 50.

Termina com uma de suas afirmações mais realistas: "As Forças Armadas têm sido, no Brasil, um fulcro de explorações, apoiando, às vezes, se bem que enganadas, as mais torpes mistificações de falsos salvadores da Pátria... ora no pelourinho, ora num falso pedestal."

A fim de melhor conhecer as pessoas, devemos apreciá-las não apenas pelo que "estão" ou "foram", mas pelo que realmente "são". Em outras palavras, não devemos analisá-las pelos "selves" apresentados no exercício de cargos ou desempenho de papéis, durante a efêmera passagem através da carne. Impõe-se-nos a interpretação do comportamento e das reações das criaturas humanas no dia-a-dia, sobretudo, na sua privacidade, quando, despidas da carapaça social, manifestam o íntimo que as distin-

gue umas das outras. A compreensão dos homens exige, pois, que os observemos de perto e os julgemos de longe.

Ao lembrarmos o transcurso do centenário de nascimento da discutida personalidade do brasileiro PEDRO AURÉLIO DE GÓES MONTEIRO — passado despercebido pela mídia e pelos órgãos preservadores da memória da Nação — procuramos deliberadamente não colocar em evidência o perfil do soldado profissional, nem o do revolucionário político, surgido na dé-

cada de 30 e que teve marcante atuação no cenário nacional até os anos cinqüenta.

Assim, esboçaremos em rápidos traços a silhueta daquele ser humano, com seus defeitos e virtudes, atrás da qual se escondia o todopoderoso general do ciclo de Vargas, sem a menor pretensão de julgá-lo, mas tão-somente de retratá-lo imparcialmente à luz de suas próprias palavras transbordantes de emoção em cartas endereçadas ao filho desaparecido em trágico acidente de aviação, em entrevistas concedidas e do depoimento de gente que com ele conviveu de perto.

Oriundo da decadente plutocracia rural nordestina, corria-lhe nas veias sangue alagoano e pernambucano. Considerado nordestino somente por ter nascido no Engenho do Guindaste, em São Luiz do Quitunde, nas Alagoas, a 12 de dezembro de 1889, primogênito de família constituída de nove irmãos e filho de respeitado médico provinciano, julgava-se mais gaúcho em virtude de proceder sua formação espiritual, moral e profissional do Rio Grande do Sul, onde estudara, serviria por longo tempo e casara.

Nascido na fase do empobrecimento progressivo de sua família, durante indisfarçável depressão econômica, teve desordenada e melancólica mocidade. Com o falecimento de seu pai logo após completar quarenta anos de idade, passou a juventude sobrecarregado de responsabilidades e sofrimentos, en-

frentando cedo dolorosas experiências, com raros momentos de alegria.

“Fui menino de engenho, tive desenvolvimento intelectual precoce, mas cresci num meio social falho, adquirindo os defeitos e os vícios de que era impregnado. Era invejado, mas propenso a socorrer as dores do próximo”, assim sintetizava sua meninice e o traço humanístico fundamental da própria personalidade.

Encontrou o menino órfão toda a força, a energia e a dedicação de que carecia em sua mãe, que enfrentou com destemor a adversidade e a vida repleta de dissabores.

A vida de Pedro Góes foi pontilhada de intermináveis golpes impiedosos e ingratidão de muita gente que lhe devia beijar as mãos.

“Fui, muitas vezes, um São Cristóvão a conduzir nos meus ombros, de uma margem à outra, muitos interessados em atravessar a torrente e que não pagaram o sacrifício daquele transporte senão com a moeda clássica do esquecimento, quando não do desmentido e da ingratidão”, queixava-se ele.

Para termos idéia das humilhações sem conta a que se viu submetido, vale lembrar que, ao atingir o topo da carreira das armas sem nada pleitear, quando cumpria delicada e espinhosa missão no exterior, foi processado e citado para se apresentar às barras de um tribunal, como vulgar criminoso.

Nunca se preocupou em deixar testemunho escrito de sua contro-

vertida pessoa e agitada vida, pois os deveres profissionais e as incumbências políticas a ele confiadas não lhe deixavam tempo para isso. Não lhe faltaram apelos e incentivos para dar sua versão dos acontecimentos históricos de que participou como ator principal, coadjuvante, cúmplice, ou vítima de um destino inexorável, no sentido da doutrina cristã, em cujo mistério se concilia o livre-arbítrio com os imponderáveis desígnios da mão esquerda de Deus, a fim de retificar inverdades assoalhadas contra a sua pessoa, preferindo guardar o silêncio e arcar sozinho com a responsabilidade de seus atos.

“Fui como esses velhos jatobás de beira de estrada no sertão, em cujo cerne impiedosamente experimentam o gume de seus machados os lenhadores ou os simples passantes distraídos”, auto-retratava-se Góes.

Somente quando sofreu o mais rude golpe suportado de sua vida — a perda do único filho varão —, tentando redigir a curta e honrosa biografia do jovem tenente-aviador tombado no cumprimento do dever, em páginas de caderno manuscritas, deixou transparecer passagens de uma angustiada existência e revelou a grandeza de sua verdadeira natureza humana, desconhecida para a maioria de todos os seus críticos e resumida nessas duas palavras: “Tudo perdôo!”

“Teu pai não é um homem ilustre; ele é medíocre e sofredor”, declarava em carta ao filho morto.

“Não fiz o bem que quis e fiz o mal que não quis.” “O que de bom foi encontrado no currículo de minha existência não me pertence: foi obra da inspiração e da bondade de Deus. O mal, porém, há de ser fruto da minha natureza imperfeita, que não logrei corrigir e aperfeiçoar. O espírito estava pronto, mas a carne era fraca.” Deste modo iniciou o depoimento prestado a Lourival Coutinho.

Manteve-se pobre, após ocupar os mais importantes cargos e desfrutar das mais prestigiosas situações, tais como fazer Getúlio e Dutra, implantar e derrubar o Estado Novo. Resistiu à tentação de enriquecer fácil e ilicitamente, recusando-se a aceitar vultoso número de ações ao portador como presente e um bilhete da loteria federal a ser premiado. Residiu muito tempo em pensão e imóvel alugado, até conseguir financiamento da Caixa de Construção de Casas do Ministério da Guerra, com o que comprou um apartamento na Rua Júlio de Castilho, Copacabana, mais tarde transformado na casa da Gávea, onde acabou seus dias. Só veio a possuir automóvel particular no final da vida. No exercício dos elevados cargos de Chefe do Estado-Maior do Exército ou de Ministro da Guerra, dispunha apenas de um carro oficial, do qual não abusava em serviços particulares. Relutou em adquirir o automóvel que o filho já oficial tanto desejava, por não dispor de recursos e negar-se a comprar a crédito. Diante das pres-

sões da esposa e mãe, acabou cedendo aos anseios do filho querido, tendo para isso de se valer de empréstimo concedido por um amigo, indenizado à razão de 500\$ mensais. Explicando ao filho, postumamente, em seu diário, o motivo da relutância em satisfazer ao desejo do rapaz, assim argumentava:

“... teu pai, pobre e exigente, tem horror a dever e por isso punha obstáculos.”

Ainda, outro episódio atesta sua probidade. Nomeado para chefiar a delegação brasileira que compareceu à posse de um novo presidente argentino, concedeu-lhe o Itamarati certa quantia a título de verba de representação. Gastando com a comitiva apenas cerca de um terço do montante recebido, de volta ao Brasil, determinou que fosse restituído ao Ministério das Relações Exteriores o restante do dinheiro não despendido, ocasionando sérios embaraços administrativos para contabilizar a devolução de considerável soma já debitada. Mas Góes foi peremptório: “Esse dinheiro não fica comigo!” Quando assumiu a Pasta da Guerra, sentiu-se compelido a fazer uso de parte de uma herança recebida por sua mulher, a fim de prover o indispensável guarda-roupa dela. Era um homem íntegro e sério, jamais se tendo aproveitado das importantes funções desempenhadas para tirar vantagens pessoais.

Confessou que escolheu a carreira militar, aos 14 anos de idade, não por vocação, mas porque era a mais

consentânea com as possibilidades financeiras de seu pai. Não obstante essa falta de vocação, graças à desenvolvida consciência profissional e incomensurável força de vontade que possuía, conseguiu se impor perante os colegas de farda e conquistar grande prestígio no seio das Forças Armadas e círculos políticos. “Profissão de soldado: profissão já trágica por si mesma, e, no Brasil, duas vezes mais trágica”, asseverava Góes.

Oficial provinciano, bisonho e de apresentação nada sugestiva, era um desastre a cavalo, o que lhe comprometia a imagem de cavalariano por origem. Ao ser inquirido pelo instrutor de equitação francês, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, por que caíra de sua montada, na segunda volta do picadeiro, argutamente explicou: “O cavalo é um animal nobre e sempre nas curvas aproveita para derrubar os grandes homens.” De aluno a ministro, nunca se preocupou muito com a aparência pessoal, sendo mesmo considerado um tanto relaxado pelos colegas. Não raro se apresentava em público com as esporas trocadas, o que constituía uma heresia para um oficial de cavalaria. Nunca sabia o uniforme marcado para os diversos eventos programados, chegando até a comparecer à recepção do ministro com o uniforme diferente do prescrito.

Autodidata em assuntos militares, principalmente no estudo da arte da guerra e de tática, repudiava o espírito miliciano ou genárdmi-

co predominante em nosso Exército desde os idos coloniais. Mais do que estudioso de Napoleão foi um entendedor do pensamento do grande corso. Teve grandes desapontamentos em face dos métodos de ensino adotados pela Missão Francesa, mas, apesar das dificuldades enfrentadas e de ser mau cavaleiro, logrou classificar-se em primeiro lugar nos Cursos de Aperfeiçoamento e de Estado-Maior, além de ser nomeado professor-estagiário da Escola de Estado-Maior, antes mesmo de se diplomar. Ao término do Curso de Estado-Maior, a Missão Militar Francesa emitiu conceito escrito a seu respeito, no qual recomendava que, em caso de guerra, deveria ser aproveitado na direção das operações. Por causa disso, foi nomeado chefe de estado-maior da força que realizou a perseguição da Coluna Prestes, ainda como capitão; acabou incumbido do cerco da capital paulistana em 1924; tornou-se chefe militar da Revolução de 1930; combateu os constitucionistas em 1932.

Cedo tomou-se de empolgação pela organização e tática do Exército alemão, mantendo conversações com o adido militar germânico acreditado junto ao governo de Buenos Aires. O entusiasmo e a admiração nutridos pela força terrestre alemã levariam-no, posteriormente, a ser agraciado com a Cruz de Ferro e convidado para assistir as manobras de Outono do Exército do "Reich", na Silésia, em 1939, o que não se concretizou em face

da eclosão da guerra.* Tal interesse revelado pelos alemães ensejaram-lhe a pecha que carregou a vida toda de germanófilo e até de fascista e nazista. A bem da verdade, vale recordar algumas de suas declarações sobre essas acusações infundadas:

"Nunca fui um nazista ou fascista, como muita gente pensa... Eu nunca admirei Hitler... Não podia deixar de reconhecer a admirável organização daquele grande Exército e a proclamava. Daí surtir a exploração de que eu era um nazista, ou um fascista, como se a minha consciência política pudesse ser confundida com a minha mentalidade militar."

Os fatos, mais tarde, iriam comprovar essas afirmações, quando, atendendo a convite do General George C. Marshall — futuro Chefe do Estado-Maior do Exército norte-americano —, o acompanhou em seu regresso aos EUA, viajando a bordo do cruzador *Nashville*, com uma comitiva integrada pelo Coronel Canrobert Pereira da Costa, Major José Machado Lopes, Major Aguinaldo Caiado de Castro, Capitão Orlando Eduardo da Silva e Capitão Ademar José Alvares da Fonseca. Na terra de Tio Sam, visitou instalações militares e foi recebido pelo Presidente Roosevelt na

* É bom que se saiba ter sido o General Góes, naquela mesma época, convidado para visitar também França, Inglaterra, Itália, Polônia, Portugal, Espanha e outros países, havendo optado por aceitar o convite dos Estados Unidos, o que não agradou aos alemães.

Casa Branca, ficando convencido que a guerra atingiria o continente americano fascinado pelo poderio norte-americano. A partir daí estreitou a cooperação militar com os EUA e estabeleceu amizade com o adido militar norte-americano junto à embaixada no Rio de Janeiro, Coronel Lehman Miller, que, inúmeras vezes, manifestou sua descrença na capacidade de o Brasil defender o saliente do Nordeste e chegou a afirmar que deixássemos de subterfúgios ou o país dele ocuparia aquela estratégica área. Apresadadamente, Góes reuniu o Estado-Maior e conseguiu elaborar um plano de defesa e ocupação do Nordeste, impedindo desta forma que tropas norte-americanas desembarcassem e ocupassem solo brasileiro (Plano "Lilac" dos EUA). Posteriormente, exerceu as funções de embaixador extraordinário do Brasil junto ao Comitê de Emergência e Defesa Política da América, instalado em Montevidéu. Em 1951, voltou a Washington, onde tornou a se encontrar com Marshall, negociou as bases do Acordo Militar Brasil-EUA, mas se opôs ao envio de tropas brasileiras para lutar na Coreia e à proposta argentina de formação de um bloco sul-americano sem a participação da América Central e dos EUA.

Mostrou-se intransigente e irritado, em 1940, com a humilhação a que os ingleses nos submeteram, ao apreenderem o cargueiro brasileiro *Siqueira Campos*, em Gibraltar, que transportava material de

artilharia alemão, comprado pelo nosso governo antes do estabelecimento do bloqueio marítimo contra o "Reich", ameaçando punir o *Correio da Manhã* e o *Diário Carioca* que exaltavam a resistência britânica aos bombardeios germânicos durante a "Batalha da Inglaterra".

Góes não era pró-Alemanha, pró-Inglaterra, pró-Estados Unidos, ou pró-União Soviética, era pró-Brasil. Não se cansava de afirmar que "devíamos crescer por nossa cabeça", "comunismo não se adapta ao Brasil", "somos um povo especial", "temos que achar o nosso caminho" e "somos uma ilha na América Espanhola".

Embora apreciasse bastante um uísque e ficasse danado com quem se recusasse a acompanhá-lo em um trago, dava a impressão de ser alcoólatra por causa da notória inchação estampada na sua fisionomia, resultante da crônica insuficiência cardíaca e renal de que padecia, segundo declaração de um dos seus médicos. Ao término da guerra, já não podia esconder as mazelas das doenças que o acometiam. Com referência ao próprio estado de saúde, assim se manifestava na correspondência dirigida ao filho:

"O meu estado de nervos, a neurose que trouxe do berço, é hoje sobrecarregada além do limite suportável, tem-me provocado lesões orgânicas, cujas conseqüências não posso calcular. Preso à terrível psicose, o desequilíbrio funcional tor-

na-se inevitável e só Deus pode remediar esses males, cuja origem reside a toda força de minha vontade para eliminá-la. As lesões de meu organismo estão em plena fase de atividade tóxica, a tensão nervosa atingiu a um grau que nunca senti — não sei se voltarei ao estado de equilíbrio normal. Minha saúde está bem comprometida pelo abalo nervoso e pelo recrudescimento de males ainda não extintos. Tenho receio de enlouquecer, de perder o juízo antes de amparar os nossos... já entrei no outono amargurado e não subsistirei até ao inverno. A memória está se extinguindo de maneira rápida e o corpo a cada dia dá sinais mais evidentes de depressão. O sono é povoado de sonhos desconhecidos e agitados; a dor moral é invencível. Sinto que o meu ser se esvai.”

Alguns de seus detratores procuraram denegri-lo acusando-o de mulherengo, mas se o foi comportou-se de modo extremamente reservado que ninguém conseguiu identificar sequer uma amante ou apontar um deslize, apesar de a esposa de certo ministro de então haver se insinuado muito à porta de seu gabinete, contudo, sem obter êxito nos evidentes propósitos dela. Aludindo a sua mulher e permanente companheira ao longo de toda a existência terrena, tanto nos momentos de alegria como de dor, Dona Conceição Saint Pastous, pessoa bastante discreta e avessa às colunas sociais, gaúcha de tradicional família de Alegrete, onde contraíra matri-

mônio, dizia ao filho:

“Tua mãe é angelical e eu devolhe tudo na vida, não podendo corresponder ao que ela merece.”

Vivia exclusivamente para o Exército e a família, procurando fazer todas as vontades do filho, mas não se envolvia na vida profissional dele, nem este se valia da condição de filho do Ministro da Guerra. Em suas viagens, até no estrangeiro, não se deitava antes de escrever diariamente ao adorado filho, relatando-lhe tudo que se passara durante a jornada vencida.

Góes era católico não praticante, mas acreditava na reencarnação e em outras vidas, tendo freqüentes premonições e visões, conforme se depreende de seus monólogos escritos mantidos com o filho.

“Não sei, filho, se na vida extraterrena, memória da atual e da passada, a vida se conserva. Não sei se a percepção por outros sentidos, mais aperfeiçoados do que aqueles que aqui possuímos, permite o conhecimento exato ou mais exato das coisas que se passam na matéria e na vida espiritual. Jamais eu te verei sobre o planeta que habitamos, jamais poderei saber por onde andas e como existes e se manténs o teu espírito nos mistérios insondáveis para as nossas faculdades e sentidos humanos.”

“Se ainda penso em viver, é para tornar-me digno do Senhor, para adquirir a Fé que vacila, para alimentar a Esperança que foge, para exercer a Caridade que se contrai.

E é também para amparar os infelizes...”

“A vida é matéria, momento, forma e o espírito que os anima.”

“Sinto o desejo de comunicar-me contigo. Mas não creio nas manifestações religiosas, e só por vontade infinita de Deus, o sobrenatural pode-se revelar. Jamais por vontade dos homens, mesmo depois de abandonar o invólucro corpóreo.”

“Eu e tua mãe sentíamos que teu fim poderia acontecer sem esperarmos, de maneira imprevisível, e nos sinais interiores, sobre os quais emudecíamos, numa espécie de premonição, víamos bem que ele se aproximava.”

“Tinha tido um sonho mau contigo!”

“Seja feita a vontade de Deus, a quem peço conceder-me a capacidade de sofrer que teve Job.”

“Creio que tudo que nos acontece é necessário que assim aconteça, e esta convicção é o maior penhor que a minha razão e inteligência podem oferecer à crença na perfeição do Onipotente, e à submissão inalterável aos seus desígnios...”

“O soldado não deve dar mostras de curvar-se nem em face da morte. Só à face de Deus.”

“Eu havia colocado no teu bolso da túnica, na parte superior do lado esquerdo, um escapulário que trazias contigo e uma medalhinha de Nossa Senhora para te acompanharem ao túmulo...”

“Eu, tua mãe e tua irmã lançamos sobre ti as últimas gotas do ritual católico.”

“Na igreja, à hora da hóstia, roguei a Deus que recebesse em sacrifício o teu sangue e perdoasse teus pecados que só poderiam ser pequenos. Lemos também diariamente a *Imitação de Cristo* e outros livros católicos.”

“A primeira visão fugaz que tive depois de tua morte, via-te sentado com calça escura e camisa branca, numa cadeira reclinada ... ao teu lado, um vulto de múmia franzino.”

“Outra vez, via-te de pijama, parecendo claro e salpicado de pontos escuros, sentado, creio, na varanda exterior de nosso apartamento, ao lado, indistinta, a figura de tua mãe, vestida de luto. Tua fisionomia era serena e triste e desapareceu rapidamente.”

Ainda vira o filho sentado ao pé da irmã, na sala de sua residência.

Certa ocasião, deparou-se à entrada de uma porta em cujo interior reinava silêncio e treva absoluta, do centro irradiava uma luz branca e pura, que era o filho a lhe chamar.

As suas exigências, rispidez, sequidão e ar circunspecto, na intimidade do lar — tudo era aparência. No fundo, não passava de um bonachão, de coração grande, generoso, simplório e tolerante.

Em serviço, contudo, quando necessário, sabia mostrar-se enérgico e firme, não admitindo discutir as decisões tomadas e seus pontos de vista, razão pela qual o qualificavam de bonapartista. Exemplo dessa sua característica é encontrado no caso da exoneração do concei-

tuado General José Pessoa do comando da Escola Militar do Realengo, após uma greve geral dos cadetes. Todavia, não guardava rancores, nem era perseguidor. Pelo contrário, revelava-se magnânimo com os vencidos. Austero, não dava liberdade a ninguém. Pouquíssimos o chamavam de “você”, como Ari Pires e Alcoforado, a quem denominava de “gauleiter”.

Dificilmente se conseguia penetrar em seus pensamentos enigmáticos. Costumava dizer que os políticos enchiam sua casa aos dominos para tentar decifrar suas incógnitas. Dizia as verdades no momento oportuno, mas escamoteava seus ardis, nunca se sabendo de que lado estava. Ninguém o entendia bem. Quando confiava nas pessoas era franco. Possuía “estopim curto”. Falava costumeiramente aos berros e, quando irritado, gritava, soltava imprecações e palavrões, além de ser rude.

Cauteloso e reservado, não gostava de ser visto em todos os lugares e com qualquer pessoa.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que exibia uma simplicidade muito nordestina, alimentava certas vaidades. Tinha consciência da excepcional inteligência de que fruía e adorava conceder entrevistas. A primeira entrevista dada, após a vitória da Revolução de 1930, foi ao repórter Arnon de Mello, pai de Fernando Collor de Mello.

Dotado de privilegiada inteligência, envolto por trabalhada cultura, lia Alemão, Espanhol, Francês e In-

glês, mas não falava qualquer um desses idiomas. Apesar de propalarem não dominar bem a língua de Camões e confiar seus escritos à revisão de um dos seus assessores mais íntimos, a correspondência dirigida ao filho não comprova isso, revelando linguajar correto e preciso, bem como erudição, ao expressar seu pensamento lúcido. Tinha uma peculiaridade do domínio de poucos: o “P.Góes” assinado nos documentos do expediente de rotina, que diziam seus críticos significar “Pobre Góes”, o era por um ajudante-de-ordens.

Distraía-se jogando “canastra”, em família, com Agrícola Bethlem e outros amigos.

Assistia a televisão preto-e-branco, mas não era aficcionado do vídeo.

Não ia ao cinema, nem freqüentava restaurantes e teatros. Passeava pouco, limitando-se a dar umas voltas pela Rua Gonçalves Dias e lanchar na “Casa Colombo”, acompanhado da esposa. Não era dado à vida social. Preferia a vida caseira e simples.

Gostava muito de ler, sobretudo, obras alemães. Apreciava artes e músicas clássicas. Não sabia dançar. Fumava cigarros regularmente. Bom “gourmet”, antes de iniciar as refeições, assim como Osvaldo Aranha, discretamente, retirava a dentadura.

De estatura mediana e volumoso, não prestava a menor importância aos cuidados com o seu físico.

Detestava quem não fosse bom cumpridor de ordens.

Os generais o temiam e Góes os tratava à distância, não lhes permitindo intimidades. Para ilustrar o tratamento dispensado aos generais subordinados, contam que um antigo e conhecido Comandante de Região fora chamado ao gabinete do ministro para conversar com Góes. Não tendo conseguido demover o Ministro da Guerra de uma posição contrária tomada anteriormente, declarou enfaticamente: “Se o senhor já tomou a decisão, por que me chamou?” A resposta não se fez esperar de parte de Góes: “Retire-se imediatamente e recolha-se à sua RM. O senhor é um indisciplinado!”

Dutra e Vargas o respeitavam e o temiam, por causa de sua imensa capacidade intelectual e do enorme prestígio gozado no meio militar. Getúlio não o contrariava. Dutra muito obedeceu ao cérebro de Góes e, até como Presidente da República, visitava-o constantemente para se aconselhar. Dutra e Getúlio, sem dúvida, foram produtos de Góes, por isso mesmo Vargas preferiu Dutra a Góes à testa da Nação.

Não era demagogo. Dizia que Getúlio, na verdade, desconhecia o povo e que, para se conhecer o brasileiro, precisava-se viajar em trem da Central. Vargas falava muito em povo, mas guardava certa aversão às massas fora dos atos públicos, confienciava Góes.

Possuidor de notável coragem física e moral, liderava incontestavel-

mente o Exército que controlava como um todo, graças ao seu dom de condutor de homens, seu intelecto fora do comum e às suas firmes atitudes desassombradas. Os fatos, a seguir narrados, retratam bem o espírito de decisão e o destemor que lhe ornavam a personalidade.

Ao tomar conhecimento que o então Ministro da Guerra, não participante do “complot” de 1937, declarara que ia colocá-lo na prisão, redargüiu — “Não vai ser mais ministro!” Chamou o Comandante da 1ª Região Militar e informou-lhe que se preparasse para assumir o cargo de Ministro da Guerra. Em seguida, foi a Getúlio e solicitou a exoneração de João Gomes e a nomeação de Eurico Gaspar Dutra.

Da mesma forma, quando João Alberto o procurou e contou-lhe que Getúlio decidira substituí-lo por Benjamin Vargas, na Chefia de Polícia do antigo Distrito Federal, e, depois, fazê-lo prefeito da cidade do Rio de Janeiro, no lugar de Henrique Dodsworth, não titubeou em afiançar: “Não vai ser nada disso, porque o Getúlio vai ser deposto hoje.” Em seguida, determinou que a Divisão Blindada, comandada pelo seu fiel amigo General Alcio Souto, deixasse os seus aquartelamentos e se deslocasse para o centro do Rio de Janeiro. Concomitantemente, deu conhecimento aos comandos subordinados que se demitira do cargo de Ministro da Guerra e assumira a chefia das Forças Armadas para depor o Presidente da República, uma vez que o Exército ga-

rantira a realização de eleições e não voltaria atrás.

Na hora aprazada para o desfecho do golpe de 1937, segundo um de seus auxiliares mais chegados, convocou todos os generais em serviço na guarnição do Rio de Janeiro, exceto o Comandante da 1ª Região Militar — General Silva Júnior —, que detinha o comando da tropa mas ignorava também a decisão de fechar o Congresso, para assistir a uma conferência da Missão Militar Francesa, na Escola do Estado-Maior. Após a aludida conferência, ao se cientificar do ocorrido, um dos generais dirigiu-se a ele e ousou interpelá-lo nos seguintes termos: “Ora pois, Góes, mais uma das suas?” Maquiavelicamente, retrucou que nada sabia do golpe e que se desejasse explicações se dirigisse a Dutra, no Gabinete do Ministro.

Possuía desenvolvido “insight” para analisar e selecionar homens.

Ouvia seus colaboradores diretos em quem depositava estrita confiança, principalmente o General Canrobert Pereira da Costa, a quem dedicava grande afeição. Gostava muito, também, do Coronel Pedro da Costa Leite e de um major, antigo diretor do Arquivo do Exército, que teria descoberto documentos comprovadores de haver Getúlio dado baixa das fileiras da Força Terrestre, como sargento, em Corumbá, sob o diagnóstico de incapaz por ter contraído hanseníase. Conforme dizem as más línguas, essa documentação depois de entregue ao Minis-

tro Dutra desaparecera.

Recebia, indistintamente, oficiais de diferentes postos e procurava, sempre que possível, resolver os casos pessoais, pedidos de movimentação etc.

Preocupava-se com o bem-estar social do militar, tendo lutado com denodo para elevar os baixos vencimentos da classe, inclusive como Presidente do Clube Militar, embora discordasse dos padrões disciplinares com que se conduziam as assembleias convocadas com tal finalidade. Em 1934, criou o Sistema de Previdência dos Subtenentes e Sargentos do Exército, destinado a conceder empréstimos, custear despesas de hospitalização, construir moradias e assegurar pensões aos seus dependentes. Entretanto, condenava e não aceitava que essa entidade e similares se reunissem para tratar de assuntos não relacionados com seus fins assistenciais. Em síntese, mostrou-se sempre bastante sensível aos problemas sociais dos militares, espelhando assim o espírito caridoso e generoso encoberto pela aparência fria de um general enérgico e disciplinador.

Nunca foi racista e não se comprometeu com a recomendação feita por Dutra para não se matricular nas escolas militares descendentes de árabes, judeus e negros, os quais eram eliminados na inspeção de saúde com o diagnóstico de “insuficiência orgânica de causa não identificada”.

“Homem de saia é terrível, é pior do que militar”, declarava em alu-

são aos membros do clero e do judiciário.

Afora a irreparável perda prematura do filho, duas foram as grandes frustrações de Góes — não ter sido oficial de artilharia, nem indicado pelos generais para assumir a presidência da República.

Em sumárias pinceladas, eis a figura mais controvertida do Exército contemporâneo, o grande condestável da República de 1930, hoje revivido, ao ensejo do transcurso de seu centenário de nascimento; o homem que encarnou um misto de caudilho e democrata; o homem que fez e desfez Vargas; o homem de temperamento difícil mas extraordinário; o homem que recomendava aos seus ajudantes-de-ordens nunca dizer onde estava, nem aonde fora; o homem que não acreditava na fidelidade e sinceridade de Getúlio; o homem que dizia ser Vargas muito fingido porque não gostava do povo humilde da Central; o homem que cometeu o grande pecado de ter colaborado diretamente para a implantação do Estado Novo e que dele se redimiria ao abater a ditadura em 1945 e não assumir o governo; o homem cuja mentalidade dominante sempre foi a de se sacrificar pela Pátria e pelo “Glorioso”, como denomi-

nava o Exército, e depois pensar em outra coisa; o homem que abdicou do prazer de assistir seu amado filho desfilar, como porta-bandeira da Escola de Aviação, no 7 de setembro, porque, na qualidade de general, confrangia-lhe ver o estado de desmoralização e desintegração do Exército; o homem que, ao final da vida, arrependera-se de ter deixado de ser o “herói da legalidade” e se batido contra irmãos, por uma democracia de papel; o homem que pugnara pela união do Exército; o homem que lutara contra a política no Exército e a favor da Política do Exército; o homem que soube distinguir o poder do mérito do mérito do poder; o homem que não permitiu constar em seus assentamentos militares louvores por motivo de vitória sobre irmãos; o homem que acreditava não ser pelas armas a solução das disputas políticas, mas pela educação polêmica no sentido de maior conscientização do povo; o homem que afirmava:

“As Forças Armadas têm sido, no Brasil, um fulcro de explorações, apoiando, às vezes, se bem que enganadas, as mais torpes mistificações de falsos salvadores da Pátria ... ora no pelourinho, ora num falso pedestal.”



• O Cel R/1 LUIZ PAULO MACEDO CARVALHO possui os cursos de Técnica de Ensino, de Motomecanização (EsMB), de Aperfeiçoamento (EsAO), de Comando e Estado-Maior (ECEME), de Estado-Maior do Exército Britânico (Staff College Camberley), do Centro do Real Corpo de Educação do Exército Britânico (Beaconsfield), de Extensão de Manutenção e Reparação Automóvel, do Exército dos EUA (Aberdeen Proving Ground), e Superior de Guerra (ESG), além de ser bacharel em Ciências Políticas e Econômicas. Integrou também o corpo permanente da Escola Superior de Guerra.